

O SENTIDO DO LUGAR GEOGRÁFICO: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DOS PERSONAGENS DE BEIRA RIO BEIRA VIDA (1965), DE FRANCISCO DE ASSIS ALMEIDA BRASIL

SENSE GEOGRAPHIC LOCATION: EXPERIENCES AND EXPERIENCES OF BORDER RIVER BORDER LIFE CHARACTERS (1965), BY FRANCISCO DE ASSIS ALMEIDA BRASIL

EL SENTIDO DEL LUGAR GEOGRÁFICO: EXPERIENCIAS Y VIVENCIAS DE LOS PERSONAJES DE BEIRA RIO BEIRA VIDA (1965), DE FRANCISCO DE ASSIS ALMEIDA BRASIL

*Tiago Caminha de Lima*¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Macapá, Brasil

*Bartira Araújo da Silva Viana*²

Universidade Federal do Piauí, Teresina, Brasil

Resumo: O estudo do espaço e do lugar retratado nas obras literárias apresentada um perfil de subjetividade, somado a realidade que as cerca, ou seja, as características simbólicas do lugar retratado na ficção. Dessa forma, verifica-se que as obras literárias descrevem conjunturas que permitem a identificação das experiências vividas em contextos diversos, mas que perpassa recortes temporais previamente estabelecidos, permitindo a leitura de processos que se efetivam na atualidade. O presente estudo vislumbra como objetivo geral analisar o sentido do lugar geográfico, expressado no cotidiano dos personagens de Beira Rio Beira Vida (1965), produção literária de Francisco de Assis Almeida Brasil, a partir da compreensão da articulação entre os personagens, o cais e o enredo textual. Com a Literatura, pode-se analisar e compreender o espaço geográfico e suas categorias. A Geografia, por sua vez, substantiva-se com a possibilidade da leitura literária do espaço a partir da ótica do contado pela experiência do romancista, que conta um espaço por ele vivido e possível de ser replicado para outros contextos e situações espaciais. A pesquisa possui um cunho qualitativo. Usou-se como metodologia a técnica de *Análise de Conteúdo* de Bardin. Esta construção relaciona-se intensamente com o movimento do Beira Rio, em especial ao cais, principal espaço de articulação dos personagens na trama. Os personagens desta história estão na Beira Vida, marginalizados no cais, visto pela sociedade conservadora como um lado negativo da cidade, como pessoas incapazes de inter-relações com outros meios e "presas" ao ambiente da vivência no cais. Diante das discussões levantadas, conclui-se que o desenvolvimento de análises que congregam os conhecimentos produzidos em ramos distintos do conhecimento auxilia na ampliação das perspectivas de entendimento das dinâmicas abordadas.

Palavras-chave: Geografia Humanista; Geografia Cultural; Beira Rio Beira Vida.

¹ Mestre em Geografia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – Campus Santana. E-mail: tiago.lima@ifap.edu.br

² Doutora em Geografia. Professora do Graduação e do Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Petrônio Portela. E-mail: bartira.araujo@ufpi.edu.br

Abstract: The study of space and place portrayed in literary works presented one subjectivity profile, coupled with the reality that surrounds them, that is, the symbolic characteristics of the place portrayed in fiction. Thus, it appears that literary works describe situations that allow the identification of experiences in different contexts, but that permeates temporal clippings previously established, allowing the reading processes that take place today. This study sees as a general objective to analyze the sense of geographic place, expressed in the daily lives of the characters in *Beira Rio Beira Vida* (1965), literary production Francis Almeida Brazil, from the understanding of the relationship between the characters, the pier and the textual plot. With the literature, one can analyze and understand the geographical space and their categories. Geography, in turn, substantive with the possibility of literary reading of space from the perspective of counted by the novelist's experience, which has a space for him lived and can be replicated to other contexts and spatial situations. The research has a qualitative nature. Was used as methodology the Bardin content analysis technique. This construction relates strongly with the movement of the Beira Rio, especially the pier, the main space of articulation of the characters in the plot. The characters in this story are in *Beira Vida*, marginalized on the dock, seen by the conservative society as a negative side of the city, as people unable to interrelations with other media and "stuck" to the living room on the pier. Before the discussions raised, it is concluded that the development of analyzes that bring together the knowledge generated in different branches of knowledge helps in broadening the perspectives of understanding the dynamics addressed.

Keywords: Humanistic Geography; Cultural Geography; Beira Rio Beira Vida.

Resumen: El estudio del espacio y del lugar descrito en las obras literarias presenta un modelo de subjetividad, sumado a la realidad que las rodea, o sea, las características simbólicas del lugar descrito en la ficción. De esta forma, se nota que las obras literarias describen coyunturas que permiten la identificación de las experiencias vividas en contextos distintos, pero que se trasluce recortes temporales previamente establecidos, permitiendo la lectura de procesos que se hacen efectivo actualmente. El presente estudio vislumbra como objetivo general analizar el sentido del lugar geográfico, expresado en el cotidiano de los personajes de *Beira Rio Beira Vida* (1965), producción literaria de Francisco de Assis Almeida Brasil, a partir de la comprensión de la articulación entre los personajes, el muelle y el enredo textual. Con la Literatura, se puede analizar y comprender el espacio geográfico y sus categorías. La Geografía, por su vez, se sustantiva con la posibilidad de lectura literaria del espacio a partir de una mirada de lo contado por la experiencia del romanticismo, que narra un espacio por él vivido y con posibilidad que sea replicado a otros contextos y situaciones espaciales. La investigación posee un cuño cualitativo. Se utilizó como metodología la técnica de Análisis de Contenido de Bardin. Esta construcción se relaciona intensamente con el movimiento de Beira Rio, en especial el muelle, principal espacio de articulación de los personajes en la trama. Los personajes de esta historia están en la *Beira Vida*, marginalizados en el muelle, visto por la sociedad conservadora, como un lado negativo de la ciudad, como personas incapaces de interrelacionarse con otros medios y "detenidas" en el ambiente de vivencia en el muelle. Ante las discusiones sostenidas, se incluye que el desarrollo de análisis que congregan los conocimientos producidos en áreas distintas del conocimiento auxilia en la expansión de las perspectivas de entendimiento de las dinámicas abordadas.

Palabras-clave: Geografía Humanista; Geografía Cultural; Beira Rio Beira Vida.

1 INTRODUÇÃO

Por meio da contribuição teórica envolvendo a Geografia Cultural, percebe-se a necessidade de assegurar pesquisas que possuem como objetivo unificar o entendimento sobre as questões sociais, ideológicas, econômicas, políticas, religiosas e naturais. Todavia, a Geografia no âmbito cultural fornece uma crítica na utilização do meio ambiente pela humanidade que pode iluminar e orientar o desenvolvimento do homem e a experiência do espaço (BROSSEAU, 2007). Assim, “A construção do lugar geográfico é baseada a partir das experiências e significados, seja envolvendo processos emotivos e/ou materiais, em uma relação geográfica do corpo com o meio, a cultura, a história e as relações sociais dos povos com o ambiente” (LIMA, 2017).

Na busca pela compreensão dos sentimentos dos indivíduos em relação ao espaço de vivência e o lugar, é perceptível que a fenomenologia é o principal fundamento estabelecido nesta corrente de pensamento associada à ciência geográfica. Destaca-se o pensamento de Tuan (2013) ao relatar que a Geografia Humanista busca o entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias do espaço e do lugar. Ligado a essa ideia, tem-se o pensamento de Lima e Viana (2017, p. 205):

Diante disso, é possível entender que, para a compreensão das múltiplas dinâmicas que se dão no espaço é necessário um diálogo entre as diversas áreas do conhecimento. Na relação entre a Geografia e Literatura, observa-se a valorização e a inter-relação do espaço geográfico a partir da experiência do homem no mundo diário, o qual situa sua condição no momento em que se apropria do mundo (no cotidiano), através das experiências e dos sentimentos de pertencimento ao espaço.

O estudo do espaço e do lugar retratado nas obras literárias apresenta um perfil de subjetividade, somado a realidade que as cerca, ou seja, as características simbólicas do lugar retratado na ficção. Dessa forma, conforme os autores supracitados, verifica-se que as obras literárias apresentam circunstâncias que permitem a identificação das experiências vividas em contextos diversos, mas que perpassa recortes temporais previamente estabelecidos pelo romance, a exemplo da obra *Beira Rio Beira Vida*, do autor Francisco de Assis Almeida Brasil, publicada em 1965 (LIMA; 2017).

A problemática que norteia este trabalho configura-se na análise do sentido do lugar geográfico expressado na escrita de *Beira Rio Beira Vida*, por meio dos fundamentos da

Geografia Humanista e Cultural. Tem-se a preocupação de verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição dos sujeitos no lugar rebatido na vida diária dos personagens. Para tanto, busca-se responder ao seguinte questionamento: De que forma o sentido do lugar geográfico destaca-se no romance *Beira Rio Beira Vida*, na construção dos valores e da identidade dos personagens, a partir da experiência adquirida no referido espaço do enredo?

Para responder tal questão, delimitou-se o seguinte objetivo geral: analisar o sentido do lugar geográfico, expressado no cotidiano dos personagens de *Beira Rio Beira Vida* (1965), produção literária de Francisco de Assis Almeida Brasil, a partir da compreensão da articulação entre os personagens, o cais e o enredo textual. No que concerne aos objetivos específicos, foram definidos três, quais sejam: a) Discutir a relação do lugar geográfico retratado na obra *Beira Rio Beira Vida*, com os personagens, para situar a perspectiva da experiência/vivência humana; b) Entender as distintas formas de apropriação do lugar geográfico, por meio das ações dos personagens da obra *Beira Rio Beira Vida*; e, c) Discorrer a identidade espacial expressada na produção textual de Assis Brasil, através das experiências vividas pelos personagens, assim como o sentido do lugar geográfico presente nesta produção literária.

A pesquisa foi operacionalizada por meio do método “Análise de Conteúdo”, proposto por Bardin (2011). Esta análise é utilizada desde as primeiras tentativas das sociedades de interpretar as escritas, a exemplo dos livros sagrados. Deste modo, observa-se que este método se constitui, segundo Bardin (2011, p. 47):

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

De maneira geral, considera-se que o desenvolvimento de análises que congregam os conhecimentos produzidos em ramos distintos do conhecimento auxilia a ampliação das perspectivas de entendimento das dinâmicas abordadas. A “Análise de Conteúdo” define-se como um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações que aposta grandemente no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto” (BARDIN, 2011, p. 31), além de propor uma abordagem teórica dos estudos da linguagem, evidenciando como as construções do conteúdo, no caso o literário, influenciam na compreensão dos sujeitos sociais, assim como a relevância humana no processo de compreensão do cotidiano na relação entre homem e sociedade.

Acredita-se que a “Análise de Conteúdo” possibilite a percepção de sentidos, conforme a interlocução e as posições sociais nas quais estão inseridos os sujeitos. Assim, por meio das ideias um texto possui sentidos e significados, patentes ou ocultos, que podem ser apreendidos por um leitor que interpreta a mensagem nele contida por meio de técnicas sistemáticas apropriadas (CHIZZOTTI, 2011).

2 SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DO LUGAR GEOGRÁFICO

A abordagem humanística baseia-se na contribuição teórica sustentada em autores como Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e Edward Relph, e possui a “[...] fenomenologia existencial como a filosofia subjacente” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 21). As questões abordadas nessa corrente são frutos de uma consciência em que a cultura reflete e condiciona a disparidade na organização espacial e na sua dinâmica.

As pesquisas em relação à cultura tornam-se necessárias para compreender o mundo em virtude da sua dimensão. Assim, busca-se entender a importância da relação do ser humano com a natureza, por meio da subjetividade. Nesse sentido, Oliveira (2010, p. 4) considera que:

Nesta nova concepção da cultura passa-se a dar lugar a sua dimensão subjetiva, mas não se negligencia seu aspecto material, a diferença é que, agora, os dois aspectos passam a ser analisados em termos de seus significados e como parte integrante da espacialidade humana. Assim, os conceitos básicos da geografia - lugar, território, paisagem, espaço, territorialidade - passam a ser estudados a partir das redes simbólicas que envolvem a sua construção cultural. Neste contexto, surgem novas temáticas tais como: manifestações culturais, identidade espacial, percepção ambiental, representações sociais, estudo das religiões, entre outras.

Nesta conjuntura, a Geografia Humanista elabora metodologias e uma filosofia diferenciada, enraizada nos pressupostos teóricos de Vidal de La Blache. Através da corrente Possibilista, em que o homem passa a ser agente ativo do meio, condicionando o modo de vida do seu grupo, Claval (2003, p. 149) explica o aspecto cultural presente nas obras de La Blache (1921). E, sobre isso, afirma que:

As técnicas da produção, de transportes e os hábitos pertencem à esfera da cultura. Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a ideia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina. Ele sublinhou o papel da “força do hábito” que lhe aparecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida. Os imigrantes transportam com ele os seus gostos e os seus hábitos alimentares.

Tuan (1961 *apud* HOLZER, 2008) propõe uma Geografia que cultive o estudo do amor do homem pela natureza, buscando localizar o “Humanismo” a uma experiência de análise das ações e consequências da espécie humana, a partir de uma visão que amplia a perspectiva científica, incorporando os estudos da sociedade na leitura de temáticas geográficas. Holzer (1992, p. 84) destaca que:

As principais contribuições da geografia cultural para o humanismo na geografia foram: manter vivo o culturalismo e o antropocentrismo em meio a um cenário fortemente quantitativo; respeitar a diversidade de temas e interesses como “modus vivendi”; ênfase na interdisciplinaridade; valorização do trabalho de campo e a recusa dos “a priori”; a crença em que a geografia estava além da ciência e de que os males atuais seriam sanados pelas próximas gerações com a liberdade acadêmica.

Na busca pela valoração do mundo vivido, destaca-se a ideia de Moreira (2004), que compreende a Geografia como a atitude de representação e reflexão analíticas do homem-no-mundo, mediante o modo como este organiza sua relação com a sociedade e a natureza, portanto consigo mesmo, no vir a ser do processo do Marxismo e da Geografia evolutiva da história. Refere-se, pois, à contextualidade e existencialidade, à geograficidade espacial do homem no mundo.

Diante do exposto, observa-se a construção do conceito de Geograficidade, resultante a partir da ideia da ligação do homem com o meio. Para Dardel (2011), este termo diz respeito a uma relação concreta que liga o homem a Terra, representada pelo amor ao solo natal ou pela vontade intrépida de correr o mundo. O sentido do lugar propagado na ciência geográfica possui uma variedade de definições, alguns conceitos objetivos e outros subjetivos.

O lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Vale lembrar que a valorização deste conceito se mostra em virtude dos sentimentos expressados, na relação homem e meio, ao mundo vívido (a dimensão da experiência geográfica). Estas características foram evidenciadas com os estudos que envolveram a Geografia Humanista e a Geografia Cultural, e elas se interligam com as correntes de pensamentos mencionadas. Alguns conceitos podem ser citados como exemplos, quais sejam: lugar, cotidiano, identidade, experiência e percepção.

É importante destacar que “Lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem” (TUAN, 2013, p.7).

Sobre este mesmo conceito, Buttimer (1985, p. 228) percebe o lugar como o “[...] somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas.”

Tuan destaca que o “[...] lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. Segundo a descrição de Oliveira (2014, p. 11), “[...] a familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-la lugar. Pois, espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia”. A ideia de ambos os autores concretiza o conceito de lugar. Neste caso, ele se relaciona com a familiaridade, experiência e o cotidiano. Portanto, a valorização do lugar é resultante de sua experiência, porque se constitui um objeto no qual é possível habitá-lo e desenvolver emoções e sentimentos. Esse lugar é destacado por Oliveira (2014, p. 12) como:

[...] algo que se faz visível por meio de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com os outros lugares e manifestações de arte e de arquitetura. Todo lugar adquire identidade mediante as diversas dimensões espaciais, tais como: localização, direção, orientação, relação, território, espaciosidade e outras.

Relph (2014) explica que o lugar é o fenômeno da experiência e sua análise deve considerar a abordagem fenomenológica, articulada por Husserl e Heidegger. Outros termos também devem ser levados em conta quando o que está em questão é a definição de lugar, são eles: identidade e cotidiano. O conceito de cotidiano está intimamente relacionado à vida cotidiana em qualquer relação espaço-temporal. Heller (1992, p. 17) explica que:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade. Na vida cotidiana colocam-se em “funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

É importante ressaltar a valorização da experiência desses povos no seu cotidiano e o fortalecimento de sua identidade para as futuras gerações. Para Sauer (2007), a Geografia Cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície e imprimem uma expressão característica.

O desenvolvimento da Geografia Cultural procedeu necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, a começar pela cultura original até o presente. A Geografia Cultural implica, portanto, em um programa que está integrado com o objetivo geral da Geografia, isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas (SAUER, 2000). É importante destacar que o ressurgimento da Geografia Cultural ocorreu em um contexto pós-

positivista, no qual se difundiu a consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica.

A Geografia se concretizou ao abordar temas relacionados ao cotidiano do homem, expandindo, assim, sua influência nas interações com áreas do ensino. Assim, a dimensão cultural tornou-se então necessária para a compreensão do mundo. Através dessa conjuntura, pode-se compreender a importante relação do ser humano com a natureza, bem como a busca pela subjetividade. Esse ponto de vista revela a preocupação dos geógrafos em relação aos estudos culturais na tentativa de compreender certas categorias de análises geográficas, como o lugar, a partir da relação que o sujeito possui com o meio em que está inserido. A incorporação de diversas linguagens amplia a visão de análise do espaço geográfico, visto que a música, o cinema, a poesia, o romance literário são recursos que contribuem para um conhecimento maior da realidade e para uma reflexão mais profunda nas relações espaciais.

Em busca de novas linguagens, Fernandes (2012) explica que a Geografia e a Literatura ganharam notoriedade, força e profundidade no mundo acadêmico após a renovação, repaginação dos fundamentos teórico-metodológicos e a crise paradigmática dos anos de 1970. Olanda e Almeida (2007, p. 9) declaram que:

É possível desvelar a relação do homem com o meio de sua vivência por intermédio da literatura? Apreender eventos pela subjetividade artística materializada na obra literária, possibilita conhecer aspectos sócioespaciais [*sic.*] de determinada sociedade? As possibilidades de respostas para tais questões se efetivam por meio da abordagem cultural na Geografia que se fundamenta na Geografia Humanística.

Esse estudo com a literatura é importante, pois este saber possui um ideal subjetivo na caracterização do espaço geográfico em que o ser humano está presente. Nessa conjuntura, Marandola Junior e Oliveira (2009, p.488) afirmam que “[...] a ciência geográfica centrada no espaço possui conceitos e um método próprio que produz um discurso sobre o espaço que se abre ao diálogo interdisciplinar”.

3 BEIRA RIO BEIRA VIDA: EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS, LUGAR E IDENTIDADES ESPACIAIS

Os romancistas de 1930 investigaram as relações entre o homem e o espaço. Além de investigar e suas relações sociais de modo a denunciar a fome, a seca, a miséria, a ignorância e a opressão, sobretudo do homem nordestino. Nesse contexto regionalista, destacam-se as obras

do escritor piauiense Francisco de Assis Almeida Brasil (romancista, contista, ensaísta, historiador literário, antologista, jornalista, professor, dicionarista, crítico literário, membro da Academia Piauiense de Letras e da Academia Parnaibana de Letras), nascido a 18 de fevereiro de 1932 em Parnaíba-Piauí. Assis Brasil realizou uma abordagem do espaço e do lugar em suas diversas obras contemporâneas, como é o caso da Tetralogia Piauiense, constituída por: *Beira Rio Beira Vida* (1965), *A Filha do Meio Quilo* (1966), *O Salto do Cavalinho* (1968) e *Pacamão* (1969).

Beira Rio Beira Vida caracteriza-se por descrever, ao longo da obra, uma reprodução da realidade. A veracidade está presente na representação das práticas sociais cotidianas que são retratadas na obra. São expressadas temáticas diversas, ao mesmo tempo em que ela estabelece uma linguagem literária. Ela pressupõe uma perfeita identificação do homem com a terra, a qual é expressa na cristalização das tradições locais, como costumes, superstições, mitos, lendas, linguagem, etc. Esses aspectos também são materiais de estudo da Geografia (FERNANDES, 1992).

O escritor retrata, de forma subjetiva, as características da sua cidade natal, mostrando além das particularidades sociais (desigualdades, sociedade conservadora da época, etc.), informações de cunho histórico-geográfico, a exemplo da importância do rio Parnaíba para o desenvolvimento local e global da região e dos relatos prévios sobre a estação de ferro. Segundo Souza (2014), esta cidade (Parnaíba-Piauí), no final da primeira metade do século XX, passava por um processo de transformação urbana devido ao lucro proveniente do comércio marítimo, além da ampla comunicação com outras cidades brasileiras e do exterior. Destaca-se na obra:

A sineta dos navios-gaiola, o apito mais grosso de uma barca, o grito dos canoieiros, o barulho seco do arroz e feijão pisados no cais, pareciam varrer com a brisa a calçada escura, cheia de lembranças. Alguns flocos de algodão, caídos dos fardos e das barcas, acompanhavam a correnteza barrenta, os postes traziam a luz fraca da esquina. (BRASIL, 2012, p. 17-18).

Além das particularidades pertinentes à culinária e às tradições populares, que reforçam a relação entre o enredo textual e o ambiente, percebem-se alguns aspectos de vivência, os quais são retratados no trecho inicial de sua escrita em *Beira Rio Beira Vida*. O autor explicita esta questão na seguinte passagem:

Minha recordação mais distante está ligada a um muro, enorme, velho, onde cada ano que passava alguém escrevia 1937, 1938, 1939, 1940. Foi quando comecei a ter consciência do que acontecia à minha volta. O ano de 1940 foi

um choque para mim. Além de ser um número redondo, visualmente definido e acabado, eu pela primeira vez senti que envelhecia. (BRASIL, 1979, p. 8).

A partir de 1940, o escritor vivenciou um choque de realidade, porque passou a observar o mundo de uma forma crítica, dedicando-se a escrever uma literatura crítica social, principalmente ligada à sociedade. Os espaços representados pelo cais e pela cidade também representam críticas às mazelas e aos problemas sociais. A narrativa mostra um retrato insolúvel de uma comunidade sufocada pelo primitivismo capitalista, um mundo em que a sociedade se estratificou implacavelmente, onde, segundo Assis Brasil (2012, p. 5), “[...] as prostitutas são prostitutas, os pobres são pobres, os ricos são ricos [...] quem quiser realizar-se, terá de fugir, terá de ir para fora [...]. O rio pertence aos ricos, às casas pertencem aos ricos, a religião pertence aos ricos.”

O cais, apesar de apresentar condições negativas desfavoráveis ao crescimento da vida, configura-se como um ambiente recheado de pessoas esperançosas e com inúmeros desejos. Até mesmo certos objetos no decorrer da obra são vistos a partir de uma perspectiva de felicidade, como no trecho a seguir: “A barca esperança apontou na curva do rio cheia de algodão. Correu além do pedaço de cais em construção, onde ficava o armazém dos Morais – Jessé estava de volta, quanto tempo aquele malandro não dava notícia.” (BRASIL, 2012, p. 32).

Assis Brasil na sua obra *Beira Rio Beira Vida* apropria-se do conceito de lugar ao descrever a sintonia do cais de Parnaíba – PI, de maneira pessoal e coletiva. Sua descrição utiliza-se de sentimentos e amarguras vivenciadas naquele lugar, a exemplo do trecho a seguir:

Para alguns [o rio] era descobrimento, expectativa, navios partindo - engraçados com aquela roda traseira – barcas recebendo carga, o porão engolindo tantas sacas. Para outros, aquela era mais uma parte aborrecida da cidade, gentinha por toda parte, ninguém podia andar, sujeira, e respiravam livres quando atingiam o calçamento de volta (BRASIL, 2012, p. 84).

A cidade em destaque na obra de Assis Brasil era vista, durante a primeira metade do século XX, como um dos principais caminhos de escoamento econômico, político e cultural do estado do Piauí, devido à influência do rio Parnaíba. Nesse contexto, Assis Brasil escreveu diversos romances com uma linguagem crítica social, mas, com o tempo, percebeu-se um diferencial: a influência dos movimentos urbanos em seus textos. Tal influência ocorreu em virtude do expressivo movimento de urbanização nas cidades brasileiras, em meados da década de 1950. Enquanto a população pobre se articula nas margens do rio para custear sua sobrevivência, seja por meio da pesca, do trabalho braçal e da prostituição, verifica-se, do outro

lado, uma sociedade capitalista que propaga um discurso elitista e contra os mais desfavorecidos. Carlos (2007, p. 36) assevera:

Mundializado, o espaço fragmenta-se através de formas de apropriação [...] Deste modo, o espaço fragmenta-se em espaços separados, parcelas fixas, como consequência de uma atividade parcelada fundada no trabalho abstrato. O espaço aparece como mercadoria. Com isto transforma-se, constantemente o lugar e produz-se o estranhamento do lugar com através da perda das referências.

A obra se caracteriza como Pós-Modernista, com influência do movimento Regionalista, aponta Sodré (1995). Para o autor, uma das características desse período literário está relacionada à questão da abertura capitalista, que contrasta sobremaneira a alta cultura e a cultura de massa ou popular. Logo, para manter esse lugar higienizado, era necessário manter esse povo afastado da área central da cidade. O trecho a seguir exemplifica a dificuldade enfrentada pelas pessoas que viviam nas mediações do cais:

Eles disseram que meu dinheiro não dá. Pra quê? Pra comprar uma casa aqui na cidade. Sei que é mentira, eles não querem é me vender. Um ainda disse: 'Mesmo a senhora não pode se mudar pra cidade. Foi o que um deles disse, Luíza, e os outros acharam graça (BRASIL, 2012, p. 41).

Segundo Carlos (2007), a produção do espaço deve ser entendida sob uma dupla perspectiva. Ao mesmo tempo em que se processa um movimento de mundialização da sociedade urbana, como decorrência de um processo de homogeneização do espaço, produz-se e acentua-se o processo de fragmentação tanto do espaço quanto do indivíduo.

Observa-se, em *Beira Rio Beira Vida*, mais do que experiências cotidianas dos personagens. Nota-se um envolvimento do autor com a respectiva obra, como se o escritor fosse um dos personagens. O espaço (cais) na obra possui um papel relevante para os personagens, tendo em vista que ele é responsável pela construção do cotidiano e dos sentimentos do lugar, além da alegria, angústia, sofrimento e sonhos. Segundo Lefebvre (1991, p. 30):

Tratando-se de cotidiano, trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial [...] o conceito torna-se o fio condutor para conhecer a sociedade, situando o cotidiano no global.

O *Beira Rio* é o espaço físico e psicológico do cotidiano social-econômico-cultural, deste grupo marginalizado. É a principal porta de entrada e saída de riquezas da cidade, contudo, nele vê-se a miséria de uma população que tem como projeto de vida apenas a força do trabalho

e a crença por um futuro sem horizonte. Cada personagem busca, ao cais e ao rio, toda a circunstância sofrida em sua vida. O rio faz parte de suas vivências, cada personagem entra em detalhes sobre ele, como se pode constatar no trecho a seguir:

As tardes sempre paradas quando o rio baixava, sentava-se na beira do cais, a água no tornozelo, fria e suave, mais tarde a tocar a ponta dos dedos, até ficar a um palmo ou dois de distância, espumando, correndo. O rio enchia e secava, e ela nas pedras mornas [...] (BRASIL, 2012, p. 17).

Esse cotidiano é construído pelo indivíduo que, por sua vez, segundo Heller (1992), é sempre um ser particular e ser genérico (por exemplo, as pessoas exercem atividade - uma tarefa do gênero humano, mas com motivações reservadas; têm sentimentos e paixões - manifestações humano-genéricas, mas os manifestam de modo particular, referido ao eu e a serviço da satisfação de necessidades e da teleologia individuais. Portanto, é possível perceber que o pensamento referente ao conceito de cotidiano está interligado ao lugar geográfico. Santos (1996, p. 258) discorre que:

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições cooperação e conflito são a base da vida em comum... o lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Assis Brasil (2012) retrata o cotidiano do cais a partir do movimento do cais: “Mesmo vinte anos mais tarde ou quarenta, continuaria pelas tardes do cais – as barcas de algodão e arroz se repetindo, os navios que iam crescendo, tomando novas cores, para lá e para cá, as canoas deslizavam magras e serenas”. Segundo Tuan (1979 *apud* HOLZER, 1999, p. 71):

O espaço e o lugar definem a natureza da geografia. Mas o lugar tem uma importância ímpar para a geografia humanista, pois, se para as técnicas de análise espacial o lugar se comporta como um nó funcional, para o humanista ele significa um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um - a partir da orientação e estruturação do espaço, ou da experiência grupal (intersubjetiva) de espaço - como estruturação do espaço mítico-conceitual.

Percebe-se, na obra, um conflito de gerações, marcada principalmente pelas ações cotidianas no cais parnaibano. Cais este que era a principal entrada e saída de capital da cidade

de Parnaíba. Este espaço era importante para as relações diárias, pois era responsável pelo refúgio de alguns personagens, como destaca Assis Brasil:

Correu para o cais, ultrapassou as pedras, ali haveria calma sempre no meio século de sua vida. As canoas velhas, paras serem remendadas, redes de pescar estendidas, um apito distante, um grito – testemunhas monótonas. Nada mudaria. Mundoca gostava da canoa verde e nunca teria filho (BRASIL, 2012, p. 24).

Também se deve enfatizar, aqui, a “Topofilia” como um conceito impresso pelo geógrafo Tuan (1980) para mencionar a conexão do afetivo que há entre as pessoas e o meio. Embora complexo enquanto conceito, facilmente é identificado na experiência e na obra em questão. A relação homem-ambiente é atravessada por afetos que vão transformando o espaço em cultura: uma construção humana.

O lugar é uma dessas construções, o que é perceptível na relação entre o cais e os personagens. Este lugar foi responsável pela formação psicológica, cultural e econômica de uma geração familiar formada por Luiza, Cremilda e Mundoca (avó, filha e neta, respectivamente) e por personagens secundários como Jessé e Nuno. Cada personagem, marginalizado por uma sociedade, como mostram os Quadros 1 a 3, possui uma visão diferente em suas perspectivas de vida, apesar de estar ancorado no mesmo espaço, o cais.

Quadro 1 – Experiências e Identidade Espacial – Cremilda

Personagem	Cremilda
Parentesco	MÃE (Mãe de Luiza)
Experiências e Identidade Espacial	Mãe de Luíza, prostituta, vaidosa, ambiciosa, e, às vezes, cruel. Tenta vagamente romper as amarras que a prendem ao cais e à prostituição, por meio da nomenclatura de “empresária”. Torna-se comerciante (usina de beneficiar arroz e o armazém), por meio de uma herança do velho Santana. Mas foi enganada por um amante e perde tudo. Mas, Cremilda fogia do modelo padrão de senhora estabelecida pela sociedade parnaibana; visto que a mesma não atendia a um conjunto de regras de conduta em nome da moral e dos bons costumes deste grupo. Toda construída a partir das reminiscências dialogais de sua filha Luiza, é, do ponto de vista literário e humano, uma criação magistral. Seus diálogos com Jessé têm uma autenticidade pungente.

Fonte: Beira Rio Beira Vida (2012). Organização: Tiago Caminha de Lima (2016).

É visível o grau de marginalização sofrido por Cremilda (Quadro 1) e alguns moradores residentes nas margens do rio. No trecho é possível verificar que Cremilda destaca-se nesse cenário de preconceito associado à questão da prostituição:

Deve ter pensado nisso, mas é fácil desistir quando ninguém ajuda. E, ela, tua avó (Cremilda) – você conheceu bem a velha – nunca ajudou uma só alma.

Por isso Jessé parece ter se vingado dela quando soube que o armazém tinha ido a leilão pra pagar as dívidas [...]

- A senhora vai na cidade? – perguntei

- Vou comprar uma casa para nós. Vai, Luiza, não deixa ninguém te ver. Sai e esperei na ponte [...]

- Mãe, cadê suas coisas?

- Mostrei a eles que não faço empenho de nada, “olhem aqui – eu gritei – vou me embora com a roupa do corpo, fica tudo ai pra vocês taparem o rombo da mãe. Vamos a cidade, Luiza. Onde está o dinheiro? Vai ficar todo mundo de olho comprido no meu dinheiro, você vai ver.

Na praça da Graça tinha um bando de chofer que ficou olhando “errou o caminho de casa, Cremilda?” Ela me puxava pela mão, “não olhe para trás”, ia apressado e foi direto numa casa de escada branca, toda cheia de quadro. [sic.] (BRASIL, 2012, p. 39).

Observa-se que na literatura pós-moderna, “[...] a ficção e a história são consideradas discursos contextualizados. São ambos sistemas de significação pelos quais se dá sentido ao passado” (HUTCHEON, 1991, p. 12). No caso do romance *Beira Rio Beira Vida*, este se centra na personagem Luiza, mulher que possui identidade construída a partir das imagens e opiniões de sua mãe, Cremilda, e das influências que o cais parnaibano tende a lhe ofertar.

A partir do momento em que Luiza tem uma filha, Mundoca, fruto de um amor exacerbado que a personagem possuía pelo marinheiro Nuno, ela buscará para a sua filha uma experiência de vida diferenciada das gerações da sua família. Neste contexto, Luiza, filha de Cremilda, desfruta de uma criação conjunta com Jessé, no cais. Ela é companheira de brincadeiras à beira do rio e nas atividades no armazém. Estava marcada pelos sinais do cais: ficaria gestante de um marinheiro, como todas aquelas mulheres que moravam na beira do rio Igarapu (Quadro 2).

Quadro 2 – Experiências e Identidade Espacial – Luiza

Personagem	Luiza
Parentesco	Personagem Central
Experiências e Identidade Espacial	<p>É uma espécie de barro original, a partir do qual são formados os outros personagens. Seu sonho, sua luta, é a evasão pelo amor, num meio em que o amor tem câmbio específico.</p> <p>Isso para dar e entender que o emprego arranjado pelo marido veio salvar tudo, resolver tudo. Qual. Com tanta alegação era preferível não ter arranjado nada, a gente passava. Muito antes, você sabe. Mundoca. Muito antes, você se lembra, a gente arrancava peixe lá na ponta do igarapé. Você fez até uma rede pra pegar camarão, e quando não vendemos. Dava pouco dinheiro, mas eu nunca tive boca grande, nem você. E até que era divertido, hein, Mundoca?</p> <p>O cais lá estava o mesmo, retratado no mesmo barulho de todas as noites: a sineta de um navio-gaiola que partia, o grito de um barqueiro na escuridão do rio - gargalhada das mulheres, a eternidade de suas vidas que lembrava tanto.</p>

Fonte: Beira Rio Beira Vida (2012). Organização: Tiago Caminha de Lima (2016).

Mesmo sem saber, vadiaria pelo cais. Por sua vida, passariam muitos homens. Luíza não questionava sua condição de moradora do cais, sua vivência foi condicionada a presenciar o cotidiano espaço. Luiza tinha na gravidez da filha, Mundoca, uma espécie de alforria, devido à partida de Jessé, quanto à convivência repleta de ignorância de sua mãe, Cremilda. Depois de Nuno (suposto pai de sua filha), outros indivíduos passaram pela vida de Luíza, que se prostituía para obter seus rendimentos, seguindo os mesmos passos de sua mãe, porém de forma mais discreta. Mundoca (Quadro 3), filha de Luiza, nasceu com aspectos que desagradavam, principalmente, sua avó, que a tratava com desgosto, até mesmo, por não a considerar prestável para se apropriar da herança da prostituição detida pela família. Essa menina possuía características principalmente herdadas de sua avó (Cremilda), e a principal delas era a ignorância.

Quadro 3 – Experiência e Identidade Espacial – Mundoca

Personagem	Mundoca
Parentesco	Filha de Luiza
Experiências e Identidade Espacial	As tardes sempre paradas quando o rio baixava, sentava-se na beira do cais, a água no tornozelo, fria e suave, mais tarde a tocar a ponta dos dedos, até ficar a um palmo ou dois de distância, espumando, correndo. Correu para o cais, ultrapassou as pedras, ali haveria calma sempre no meio século de sua vida. As canoas velhas, para serem remendadas, redes de pescar estendidas, um apito distante, um grito – testemunhas monótonas. Nada mudaria, Mundoca gostava da canoa verde e nunca teria filho. Muito antes, você se lembra, Mundoca, a gente arrancava peixe lá da ponta do igarapé. Se a gente quisesse roupa pra lavar, não faltava freguesia. E emprego? O dono do bar Mundico está aí mesmo pra confirmar. Você não quis, na cidade era melhor, era uma loja com muita fazenda bonita, podia até ganhar vestido.

Fonte: Beira Rio Beira Vida (2012). Organização: Tiago Caminha de Lima (2016).

Tuan (2013) afirma que cada pessoa começa como uma criança e, com o tempo, do confuso e pequeno mundo infantil, surge a visão do mundo adulto, subliminarmente também confusa, mas sustentada pelas estruturas da experiência e do conhecimento conceitual. Porém, Mundoca tendia a estabelecer relações com outros espaços: ela podia ser a possível pessoa a desviar a herança de sua família, a pôr fim a um ciclo de lealdades invisíveis do campo familiar.

Um dos fatores que contribuiria para esta mudança certamente seria a vida na cidade, mais especificamente, no trabalho no armazém de seu padrinho. O outro fator responsável seria a questão estética. Segundo sua avó, Mundoca era feia e tinha mal cheiro, dificultando sua atração por qualquer homem. Apesar de residir nesse mesmo espaço, Cremilda, Luiza e

Mundoca tinham olhares diferentes sobre ele. Neste sentido, Vasconcellos (2008, p. 106) destaca que:

Os espaços geográficos não são os mesmos para todas as pessoas. A estabilidade das pessoas em determinados espaços, a forma peculiar com que elas o ocupam, os sentidos que vão sendo atribuídos ao longo do tempo a esses espaços, tudo isso participa de um processo pelo qual os espaços deixam de ser uma delimitação topológica e, tocados pelos afetos, vão ganhando uma nova configuração que transcende ao seu aspecto material-

Assim como Mundoca, Jessé tinha suas pretensões. Seus sonhos acabaram por se transformar em tragédia, com sua morte. Criado desde criança por Cremilda, Jessé teve uma infância difícil, vinculada apenas ao trabalho diário no armazém de sua mãe. Mas, tinha vontade de crescer na vida, principalmente por meio do estudo. Porém, para alcançar este objetivo, teria de enfrentar o muro simbólico que estava diante de seus sonhos. Naquele período, a educação era preocupação quase que exclusivamente da elite parnaibana, como retrata no trecho a seguir:

Dona Cremilda, eu queria estudar. Pra que menino? Ora eu queria. Ela saiu de perto do pilador barulhento, pegou Jessé pela mão, foi bem pro meio do armazém, e gritou pra todo mundo ouvir: Olhem aí, querendo ser doutor, passar por gente rica. (BRASIL, 2012, p. 39).

Devido ao meio em que viviam, suas possibilidades de crescimento estavam resumidas. Jessé tinha algumas maneiras de crescer na vida, poderia ser um canoeiro ou talvez um marinheiro. Mas algo lhe prendia para sempre: o rio. Luiza, apesar de estar ligada intimamente com a prostituição, teve sentimento único por uma pessoa. Pelo caráter itinerante do personagem nota-se que Nuno reflete um personagem ausente de identidade, e consequentemente se caracteriza como um não-lugar, em que este não possuía identidade/vivência com o cais.

Beira Rio Beira Vida, mais que um romance, é um registro geográfico que apresenta possibilidades variadas de visualização de um espaço e de um lugar marcado pelos contornos hierárquicos de uma sociedade rigidamente compartimentada, cujos efeitos se exprimem na marginalização dos valores humanos. Nesta relação, observa-se também a valoração da experiência humana na compreensão do lugar geográfico. Afinal, os personagens do romance Beira Rio Beira Vida são a condição humana para a existência do espaço geográfico, seja por experiências ou sentimentos.

A análise desta obra é enriquecedora por possuir um ideal subjetivo e imaginário na caracterização do lugar geográfico, em que o homem adquire experiência a partir da vivência no lugar. De acordo com esta perspectiva, a visão subjetiva fortalece a expressão do homem a partir da contribuição cultural, da valorização da afetividade e da construção da identidade espacial. Por isso, considera-se que a obra de Assis Brasil, *Beira Rio Beira Vida*, pode contribuir para a compreensão da identidade humana (mediante experiências vividas pelos personagens), bem como para o entendimento do sentido de lugar geográfico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo apresentado, buscou-se compreender o sentido do lugar geográfico na obra *Beira Rio Beira Vida*, de Francisco de Assis Almeida Brasil, com base nos aportes teóricos da Geografia Humanista e da Geografia Cultural. Acredita-se que a pesquisa desenvolvida servirá de subsídio para práticas vinculadas à ciência geográfica e à arte literária, assim como outros estudos que realizam uma abordagem humanística e cultural geográfica, uma vez que entendemos que a literatura e a geografia sejam campos de conhecimento que afetam os sujeitos em sua vida cotidiana, sendo eles a síntese do próprio cotidiano.

Diante das discussões levantadas, conclui-se que o desenvolvimento de análises que congregam os conhecimentos produzidos em ramos distintos do conhecimento auxilia na ampliação das perspectivas de entendimento das dinâmicas abordadas. Com a Literatura, pode-se analisar e compreender o espaço geográfico e suas categorias. A Geografia, por sua vez, substantiva-se com a possibilidade da leitura literária do espaço a partir da ótica do contado pela experiência do romancista, que conta um espaço por ele vivido e possível de ser replicado para outros contextos e situações espaciais.

O estudo do espaço retratado nos livros literários, em seus conteúdos, não traz apenas um perfil de subjetividade, mas um perfil dotado de pertencimento e experiência entre o autor e seus personagens. Verificou-se que a obra *Beira Rio Beira Vida* descreve contextos que permitem a identificação das questões sociais vivenciadas em um dado período, mas que perpassa recortes temporais previamente estabelecidos, permitindo a leitura de processos que se efetivam na atualidade, contribuindo assim para a promoção de releituras do espaço (cais e a cidade de Parnaíba), a partir de perspectivas com objetivos específicos, mas complementares.

Observa-se também que o autor faz analogia, ou seja, realiza comparação entre o título *Beira Rio Beira Vida* e as peculiaridades do lugar e da identidade pessoal dos atores. Dessa

forma, Beira Rio relaciona-se com o cais, e Beira Vida está intimamente ligada ao lugar, ou seja, à construção da identidade, com base em tudo que está em volta. Estas duas dimensões não se separam: são partes integrativas de uma mesma realidade. Portanto, verifica-se que a obra descreve contextos que permitem a identificação da vivência dos personagens em um dado lugar e em diferentes recortes temporais. Com isso, é possível uma leitura de processos que se efetivam no plano da realidade espacial.

5 REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *Beira Rio Beira Vida*. Teresina: Fundação Quixote, 2012.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2007, p. 17-77.

BUTTNER, Anne. Campo de movimiento y sentido del lugar. In: RAMÓN, Maria Dolores G. (org.). *Teoría y método en la geografía anglosajona*. Barcelona: Ariel, 1985.

CARLOS, Ana Fani. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As perspectivas dos estudos geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982, p. 11-36.

CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 147-166.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução: Wether Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERNANDES, José. *Dimensões da literatura goiana*. Goiânia: Gráfica de Goiás – CERNE, 1992.

FERNANDES, Marcos Aurélio. *A relação cidade - campo no romance o Moleque Ricardo de José Lins do Rego*. 2012. 137f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Ática, 1992.

HOLZER, Werther. *A geografia humanista - Sua trajetória de 1950 – 1990*. 1992, 548f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

HOLZER, Werther. Geografia Humanista: uma revisão. *Revista Espaço e Cultura*. UERJ. Edição comemorativa, p. 137-147, 2008.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. *Revista Território*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

HUTCHEON, Linda. *Política do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LA BLACHE, Paul Vidal de. *Principes de Géographie Humaine*. Paris: Armand Colin, 1921.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Tiago Caminha de. *O lugar geográfico em “Beira Rio Beira Vida”, de Assis Brasil*. 2017. 87 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Piauí, 2017.

LIMA, Tiago Caminha de; VIANA, Bartira Araújo da Silva. Diálogo de Saberes: uma leitura do lugar geográfico na relação com a arte literária. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*. Maranhão, v. 3, n.8, p.203-224, jan./abr. 2017.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. *Geografia*. Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MOREIRA, Erika Vanessa. O lugar como uma construção social. *Revista Formação*, Presidente Prudente, v. 14, n. 2, p. 48-60, 2004.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. *Geosul*, Florianópolis, v. 23, n. 46, p.7-32, jul./dez. 2007.

OLIVEIRA, Lívia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. *Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 3-16.

OLIVEIRA, Soraya Castro de Lima. A importância da abordagem cultural na geografia: uma perspectiva de aplicação. SEMANA DE GEOGRAFIA, 3., SEMANA DE CIÊNCIAS HUMANAS, 6., 2010. Rio de Janeiro, IFF - Campos dos Goytacazes. *Anais [...]*. Rio de Janeiro, 2010.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Lívia de. *Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 17-32.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAUER, Carl O. Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). *Geografia Cultural: um século* (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 99-110. (Coleção Geografia Cultural).

SAUER, Carl. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Introdução à Geografia Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 19-26.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, Priscila de Moura. Entre história e ficção: a Parnaíba de “Beira rio beira vida”. In: Encontro Regional de História da ANPUH-RIO, 16, 2014. Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1395444233_ARQUIVO_Anpuhrio.pdf Acesso em: 15 maio 2016.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

VASCONCELLOS, Tânia de. Herdeira de ruínas: infância e burguesia cafeeira no noroeste fluminense. *Educação em Foco*. Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 91-108, set. 2008/fev. 2009.

Recebido em 28/10/2020.

Aceito em 18/02/2021.

Publicado em 30/04/2021.